

Carta pastoral dos Bispos suíços para
a Festa federal de acção de graças,
de penitência e de oração 2009

Apelo à reconciliação

Esta carta pastoral será lida nas Eucaristias do
«Jeûne fédéral» (19 e 20 de Setembro de 2009)

Para a leitura da carta pastoral:

- 1.**Os subtítulos não serão lidos.
- 2.**Os *textos em estilo itálico* podem ser confiados a um leitor.
- 3.**Podem omitir-se os textos entre [].

Caros irmãos e irmãs,

Noite após noite, o telejornal mostra-nos guerras e conflitos: no Médio Oriente, em África e na Ásia. Estes conflitos resultam frequentemente do ódio e da intransigência. A ONU, que procura promover a paz mundial, declarou 2009 como sendo o ano da reconciliação. Este ano é igualmente o do quadragésimo aniversário da nossa Comissão «Justiça e Paz». Como o seu nome indica, ela foi criada para laborar em prol da justiça e da paz, em favor da reconciliação no mundo e no nosso país. Este dia da Festa federal de acção de graças permite-nos reflectir naquilo que, no nosso país e na nossa vida, merece ainda reconciliação e naquilo que nós podemos e devemos operar com esse objectivo.

1. O nosso país e as nossas vidas necessitam de reconciliação

Na Suíça, também nem tudo é harmonia. Existem tensões entre suíços e migrantes, entre a Suíça germânica e a Suíça francófona, existem conflitos e assédios no trabalho, disputas entre políticos e partidos. Mais perto de nós vivem-se querelas no seio das nossas próprias famílias, discórdias entre pais e filhos, tensões acerca de uma herança. Um dos sinais assustadores é o número crescente de divórcios. Na nossa qualidade de bispos, somos particularmente interpelados pela incompreensão, e até pela intransigência existentes entre católicos, fruto de uma concepção divergente da nossa fé, através das

controvérsias reinantes nas nossas paróquias e dioceses. As acções do Papa a favor de uma reconciliação com os integristas, no princípio deste ano, trouxe-nos à memória a fractura profunda que conhece a nossa Igreja desde o Concílio. Vivemos numa sociedade e numa Igreja que não estão reconciliadas.

2. Deus quer doar-nos a reconciliação

Apesar disso, Deus quis oferecer-nos a reconciliação e a paz pelo seu Filho Jesus Cristo. São Paulo lembra-no-lo sem cessar, ele que foi vítima de conflitos entre Judeus e Cristãos e entre diferentes tendências das comunidades cristãs. As suas mais longas epístolas são epístolas de reconciliação: a epístola aos Romanos, as duas epístolas aos Coríntios, a epístola aos Gálatas.

[No começo da epístola aos Colossenses, também ela menciona o acto da reconciliação de Deus:

“Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse.

E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento... Agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte...” (Col 1,19-22)]

A epístola aos Efésios fala expressamente do “muro de ódio” que separava o povo de Israel dos gentios, e que Cristo abateu:

“Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades.” (Ef 2,14-16)

Estes textos dizem-no-lo: a reconciliação é obra de Deus e dom gratuito da Sua parte. Jesus Cristo trouxe-nos a reconciliação morrendo na cruz por todos os homens, sem distinção. Assim, a reconciliação com Deus permite também uma reconciliação entre os humanos. O concílio sublinhou-o:

“Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo.” (LG 1)

Sendo nós Igreja e batizados, temos uma missão de reconciliação. Essa missão assume um carácter ainda mais urgente hoje, no nosso mundo globalizado mas largamente irreconciliado. Que podemos nós fazer pela reconciliação, o que pode fazer cada um de nós?

3. Empenhar-se em favor da reconciliação

É ilusório sonhar com grandes acções internacionais de reconciliação ou de pacifismo. Nós devemos agir onde verdadeiramente podemos fazer alguma coisa: com os que nos rodeiam, no círculo familiar ou de amigos, no nosso trabalho, na nossa paróquia, e num contexto político e eclesial mais abrangente. Os nossos esforços de reconciliação e os nossos eventuais sucessos a este nível, terão repercussões noutros sítios.

[Pensemos, neste dia de jejum e de oração, nas palavras de um grande escritor suíço: “É em casa que deve começar o que brilhará na pátria.” (Jeremias Gotthelf)]

a. Reconciliação consigo mesmo

Toda a forma de reconciliação começa por nós mesmos. Devemos em primeiro lugar reconhecer os nossos próprios erros. Devemos tentar compreender a causa do litígio entre nós e os outros, entre os outros e nós. Na leitura de hoje, S. Tiago dá-nos uma pista de reflexão:

“Porque onde há inveja e espírito faccioso aí há perturbação e toda a obra perversa... De onde vêm as

guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais, e nada tendes; matais, e sois invejosos, e nada podeis alcançar; combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis. Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites.”
(Tiago 3,16; 4,1-3)

Embora escrito há quase dois mil anos, este texto traça uma variedade de maneiras que pode, ainda hoje, convidar-nos a um exame de consciência: contra quê, contra quem estou zangado, por só o meu ponto de vista contar a respeito do que desejo e do que quero?

No Evangelho, Jesus diz-nos a mesma coisa de outra maneira. Na altura em que os discípulos se disputavam para saber qual deles era o maior,

“Então, Jesus sentou-Se, chamou os Doze e disse-lhes: Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos. E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles, e abraçou-a.” (Mc 9,35-36)

As crianças disputam-se regularmente, mas reconciliam-se rapidamente e não são rancorosas. É por isso que Jesus nos chama a receber o reino de Deus como uma criança (Mc 10,15). Tal como uma criança, devemos ir sem rancor ao encontro daqueles com quem nos disputámos, reconciliando-nos com eles. E como é isso possível?

b. Reconciliação e perdão

Conflito e intransigência resultam quase sempre de profundas feridas do passado. Elas abrem poços, erguem muros entre os que foram feridos e aqueles que os feriram. E quase sempre deixamos de nos falar. É importante curar esse passado para que a reconciliação possa acontecer. A cura é possível no perdão, perdendo e pedindo perdão. Querer esquecer ou pôr de parte não basta. O esquecimento é do foro da memória. O perdão é algo que vem do coração, que precisa de tempo, por vezes muito tempo, e uma caminhada interior. Em primeiro lugar tenho que aceitar a situação e perceber claramente qual é a minha parte de responsabilidade: como é que feri os outros e por que é que o fiz. Quando não existe reconciliação, a responsabilidade é, em geral, dividida, e eu carrego uma boa parte dessa responsabilidade. Uma vez tudo isto discernido, posso lamentar a minha culpa: não se trata de me deixar torturar pelos remorsos ou de me afundar moralmente, mas de assumir honestamente ter ferido o outro. Ultrapassada esta etapa, tenho de ir ao encontro do outro, assumindo a minha culpa e pedindo-lhe o seu perdão. Mas não é fácil. Em geral, sei quando esse passo é necessário ou possível, mas custa-me admiti-lo. Possa então ajudar-me a idéia de que não sou o primeiro a dar esse passo, visto que Deus já o fez antes de mim. Deus propõe-me a reconciliação e o perdão.

c. O perdão é um dom de Deus

Escutemos mais uma vez S. Paulo:

“Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.” (2 Co 5,19-20)

Com o apóstolo, nós, bispos, exaltamo-vos a redescobrir esta reconciliação e o perdão de Deus.

[d. Diferentes formas de reconciliação

Existem hoje, na Igreja, três formas de celebração do perdão. Uma delas é a celebração comunitária, onde a palavra de Deus nos convida à conversão, ao reconhecimento e ao arrependimento das nossas faltas, e através da qual Deus nos concede a reconciliação. É igualmente o caso no princípio de cada Eucaristia. Numa segunda forma podemos também, no decurso de uma celebração penitencial, assumir as nossas faltas diante de um sacerdote, que a seguir nos dará a absolvição. A terceira forma é a mais pessoal: consiste a ir ao encontro do sacerdote para assumir diante de Deus as minhas faltas e manifestar a minha contrição. Deus, por intermédio do sacerdote, pode então assegurar-me que Ele perdoou os meus pecados. Quando a pedra ou o muro são assim tirados do nosso caminho, nós podemos ir ao

encontro dos outros num espírito de liberdade e de reconciliação.]

4. A reconciliação é comunicativa

Nós estamos convencidos de que, quanto mais numerosos forem os que acolhem a reconciliação que Deus nos oferece, mais a reconciliação se espalhará entre as pessoas. Um homem reconciliado com Deus está, conseqüentemente, reconciliado consigo mesmo, e oferece aos outros a reconciliação de maneira comunicativa. Esperamos que a Igreja na Suíça e que o nosso próprio país se possam tornar exemplo e fermento de reconciliação. Nós rezamos para isso. Na nossa qualidade de batizados, temos a missão de ser embaixadores da reconciliação proposta por Deus. O nosso pequeno país, neutro mas aberto sobre o mundo, tem, e porventura mais do que qualquer outro, a vocação de trabalhar pela reconciliação.

Que Deus vos abençoe, a vós e às vossas famílias

Os vossos bispos suíços

Exemplares suplementares podem ser encomendados (1.50 CHF cada) junto do:

Secretariado da Conferência episcopal suíça

Rue des Alpes 6

Case postale 278

1701 Fribourg

Telefone: 026 510 15 15

Fax: 026 510 15 16

E-mail: secretariat@conferencedeseveques.ch

Uma edição numérica está disponível em www.conferencedeseveques.ch